

BRASIL'S INDEPENDENCE  
ON ITS BICENTENARY

# A Independência do Brasil no seu Bicentenário\*

Andréa Slemian

**UNIFESP, São Paulo**

andrea.slemian@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0002-2745-7073>

---

Ítalo Domingos Santirocchi

**UFMA, Maranhão**

italo.santirocchi@ufma.br - <https://orcid.org/0000-0001-8522-6241>

---

Lucia Maria Bastos Pereira das Neves

**UERJ, Rio de Janeiro**

lubastos52@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0002-0235-4764>

---

Fecha recepción: 06.11.2023 / Fecha aceptación: 18.03.2024

---

\* Agradecemos a interlocução preciosa que tivemos com Alexandre Barata, Cristiane Maria Marcelo, Luiz Carlos Villalta e Helen Osório, Yuri Givago Alhadef Sampaio Matheus na construção dessas páginas ao longo de todas as ações do Bicentenário. À Fabiane Silva Peruzzo, a pesquisa e organização dos dados dos canais de YouTube.

## Resumo

O texto analisa como a Independência do Brasil foi tratada no seu Bicentenário no ano de 2022, por meio de dois caminhos que consideramos convergentes: um primeiro, que faz considerações sobre o estado da arte da historiografia sobre a independência nas últimas décadas até o ano passado; um segundo, por meio da análise do momento de 2022 a partir do levantamento das aparições sobre o tema nas mídias digitais - especificamente os canais do YouTube existentes entre setembro de 2021 e dezembro de 2022. Defenderemos aqui como o ambiente político altamente polarizado no ano de 2022 marcou o espaço de enunciação dos discursos sobre a independência. Ver-se-á como a ascensão definitiva do uso das novas mídias como forma de comunicação, bem como a força com que as pautas políticas reivindicatórias ganharam a cena de oposição política, foram definidoras para percepção das novidades e limitações dos discursos sobre o tema. Ainda que a comunidade historiadora tenha que conquistar mais espaço na cena pública, a renovação dos estudos da historiografia em curso desde finais do século XX foi, e segue sendo, fundamental na difusão dos saberes críticos sobre seu processo.

## Palabras clave

Medios digitales, historiografía da independencia, bicentenario, YouTube, Brasil

## Abstract:

The text analyzes how the Independence of Brazil was treated in its Bicentennial in the year 2022, through two paths that we consider convergent: the first, the main lines of the state of the art of historiography on independence in recent decades until last year; a second, the analysis of the 2022 moment from the survey of the apparitions on the subject in the digital media - specifically the channels of the YouTube between September 2021 and December 2022. We will defend here as the highly polarized political environment in the year 2022 marked the space for the enunciation of the speeches on Independence. It will be seen as the definitive rise of the use of the new media as a form of communication, as well as the strength with which social demands gained the scene of political opposition, were defining for the perception of the novelties and limitations of discourses on the subject. Even though the historian community has to conquer more space in the public scene, the renewal of historiography studies ongoing since the end of the twentieth century has been, and continues to be, fundamental in the dissemination of knowledge critical of your process.

## Keywords:

Digital media, historiography of independence, bicentennial, YouTube, Brazil

## Introdução

A comunidade historiadora atual no Brasil acostumou-se a observar as comemorações do aniversário da Independência no dia 7 de setembro com eventos geralmente com caráter oficial e oficioso. Tradicionalmente, as ações comemorativas da emancipação política nacional no século XX nunca puderam ser comparadas com o resto dos países da América Latina, onde é muito comum que as datas da independência sejam amplamente rememoradas como festas nacionais que, não poucas vezes, congregam diversos setores sociais. Por aqui sempre foram mais tímidas. Em 2022 foi diferente, já que surpreendente foi como os debates e o interesse sobre o Bicentenário foram muito além do espaço acadêmico. O foco não era somente o passado, mas uma conjunção entre os tempos, que envolvia um presente politicamente polarizado e um futuro incerto. Apesar do pequeno envolvimento direto dos governos federais e estaduais no Brasil na produção de editais de fomentos para publicações, eventos e outros produtos, muitas foram as aparições públicas do tema nos mais diversos meios, incluindo aqueles digitais, que vêm se fortalecendo nos últimos anos e levando os historiadores a pensar em novas formas de divulgar o conhecimento histórico. Nesse sentido, a extrema atualidade e interesse sobre a questão, algo que a historiografia tem demonstrado desde as últimas décadas, confirmou-se na abrangência com que se falou do tema da independência socialmente.

É importante dizer que tratar das independências para os países que tiveram passado colonial impõe sempre uma dificuldade específica do ponto de vista da História, ainda mais se falamos para um público mais amplo. O tema inequivocamente é sempre um convite para a sincronia de tempos distintos: no caso da América ibérica, o das primeiras décadas do século XIX em que seus processos de independência se desenrolaram, e o do presente em que está o observador, na medida em que ele significa tocar nas «origens», e mesmo nos «mitos de origem», do que depois se constituíram os seus Estados. Nesse sentido, é humanamente impossível não refletir, nem que seja de resvalo, na ideia do «resultado» desses processos, ou seja, na reflexão sobre *o quê* se é como nação séculos depois. É exatamente em função disso que esses momentos sempre serviram, e servem, para usos políticos dos mais variados tipos de legitimação, aos quais a agenda historiográfica tanto responde como influência.

Foi assim que ocorreu no seu Centenário em 1922, poucas décadas após o Brasil ter se tornado uma república, no ano de 1889, como resposta à profunda crise vivida pelo Império. O discurso oficial que permeava o momento era o da modernização do país a partir do intuito de «conhecer, desvendar, investigar e mapear o Brasil e a sua realidade, bem como

traçar simultaneamente os contornos da identidade nacional»<sup>1</sup>. Profundamente excludente e marcado por um ideal eugenista e branqueador em relação à população, o projeto republicano contaminou os cem anos da independência com o discurso da criação de um futuro próspero que estaria por vir, legitimando o governo republicano nessa tarefa. Esse foi também o momento em que se buscou controlar os festejos cívicos que contavam com uma ampla participação de setores populares, seus ritos e símbolos, como os referentes ao 02 de julho na Bahia, que subvertiam a leitura oficial «civilizatória» que se pretendia consolidar sobre o passado e o presente do Brasil<sup>2</sup>. Vale notar que, do ponto de vista da historiografia, pouco se inovou naquele momento na análise do seu processo, centrado no estudo de grandes fatos e personagens heroicos que teriam sido os responsáveis pela independência<sup>3</sup>.

No seu Sesquicentenário, o uso oficial que se fez da independência teve um outro caráter, marcado pelo regime de exceção que se viveu no Brasil entre os anos de 1964 a 1982. A ditadura não se furtou em valer-se política e amplamente do momento, fornecendo um tom militar e *militaresco* às comemorações, com desfiles e paradas das forças armadas que, de forma inercial, permanecem até hoje no Brasil. No entanto, seu discurso atualizava a relação temporal com a efeméride, sob o slogan de que o futuro e o progresso do Brasil haviam chegado, numa clara propaganda do regime e de seus feitos materializada na ideia de «milagre econômico»<sup>4</sup>. Foi quando o corpo do imperador do Brasil retornou ao país. Sabemos que D. Pedro voltara para Portugal em 1831, em sua função de sua abdicação, e que assumira o trono, falecendo em 1834. Em 1972, foi trazido ao Brasil e enterrado em um monumento em São Paulo, após o caixão ter viajado por algumas capitais da federação com desfiles oficiais. Embora em 1972 a historiografia estivesse no início de uma fase de renovação, a falta de liberdade política cumpriu seu papel em impedir que novas leituras do processo se difundissem. E pode-se afirmar que o caráter oficioso que se impregnou ao processo de independência pela ditadura, também seria responsável pela atitude de alguns/mas historiadores/as imbuídos de um ideal crítico, buscassem outros temas, agentes, processos, que não aqueles consolidados em uma história política nacional e heroizante.

No Bicentenário, em 2022, a história produzida academicamente sobre a independência já passara por uma verdadeira mudança, não só em novas formas de abordagem como também em novas personagens a serem estudadas, e novas fontes a serem trabalhadas. Para além da citada renovação historiográfica vivida no Brasil desde a década de 70, um dos seus motivos também pode ser visto pela significativa expansão do sistema de pós-graduação no país após a abertura política. Expansão essa que foi ainda mais visível no início do século XXI, com a criação de novos *campi* universitários em muitos estados da federação, acompanhada por uma política de inclusão para entrada na universidade nunca antes vista. O que fa-

1. Motta, 1992, pp. 2-3; para um panorama geral da historiografia e a Independência até então, Guimaraes, 2022.

2. Albuquerque, 1999.

3. Neves, 2020.

4. Cordeiro, 2015; Dysarz, 2020.

voreceu não apenas uma maior presença de estudantes de estratos sociais mais baixos, como dos grupos que foram historicamente alijados do ensino superior (como afrodescendentes, indígenas), modificando o perfil dos próprios pesquisadores. Todo esse processo impactou na produção dos saberes sobre a independência, como se poderá notar a seguir.

Após décadas de conquistas democráticas, aliadas ao espírito da Constituição de 1988 no tocante aos reconhecimentos dos direitos, e mais especificamente o governo de esquerda, comprometidos com as políticas educacionais, os anos que antecederam o Bicentenário foram marcados por uma intensa polarização política e pela ascensão da extrema direita; resultando na eleição de Jair Bolsonaro em 2018. Desde então, apostou-se em um discurso potente, amparado por ideólogos e meios de comunicação digital, acerca da interpretação da história do Brasil, que teve como um dos seus principais *leitmotivs* um ataque aos saberes produzidos nas universidades e à desqualificação do trabalho de suas pessoas. Para além de uma operação de simples negacionismo em relação ao passado, o que se observou claramente, no tema específico acerca da independência, foi o esvaziamento da linguagem política vinculada ao seu processo e a emergência de outros valores para sua significação. Se tratar dos projetos e conflitos que foram subjacentes a esse processo significava tocar em assuntos como cidadania, representação, lutas sociais, direitos, etc, produzindo, segundo a expressão de Rodrigo Turin, uma «sincronização» entre a história da independência e a história da formação da nação, essa leitura perdia sentido para uma história das conquistas pessoais, dos valores morais, da coragem, do empreendedorismo e sublimação de indivíduos heroizados responsáveis pela «grande causa» da independência<sup>5</sup>. Não há como negar que tal leitura está profundamente vinculada à crise vivida pelos Estados nacionais no mundo há décadas, o que explica em grande parte a emergência de pautas da ultradireita atuais, bem como sua abrangência social. Mas o fato é que ela ganhou espaço na cena pública para os 200 anos do Brasil, produzindo abalos, alertas e preocupações na historiografia do tema.

Análises anteriores a esse momento já haviam demonstrado como a Independência é um ponto central na cultura de história para os brasileiros<sup>6</sup>. Tendo igualmente tal questão em mente nesse contexto, defenderemos aqui como o ambiente político altamente polarizado no ano de 2022 marcou o espaço de enunciação dos discursos sobre a independência; ao mesmo tempo, como a produção historiográfica nesse ano foi extremamente devedora da renovação dos estudos da historiografia em curso desde finais do século XX, já que os temas que tiveram maior transcendência no debate público já se encontravam presentes nas análises de historiadoras e historiadores desde antes. Mas não há dúvida que a ascensão definitiva do uso das novas mídias como forma de comunicação, bem como a força com que as pautas políticas reivindicatórias ganharam a cena de oposição política, com destaque para as de caráter identitário, foram definidoras para percepção das novidades e limitações dos discursos da comunidade historiadora.

---

5. Turin, 2020.

6. Pimenta et. al., 2014; ver igualmente os comentários a esse artigo de Schiavinatto, 2014 e de Gontijo, 2014.

Essas são as questões que pretendemos abordar nas páginas que seguem e, para tanto, optamos por dois caminhos: um primeiro, que trata da historiografia sobre a independência nas últimas décadas até o final do ano passado que, sem intenção de ser exaustiva, procura marcar alguns linhas fundamentais de análise que apontam para o estado da arte hoje. Um segundo, em que fizemos a análise do momento de 2022 a partir do levantamento das aparições sobre o tema nas mídias digitais - especificamente de canais do YouTube existentes entre setembro de 2021 e dezembro de 2022. Ainda que distintos, entendemos que ambos são convergentes para demonstrar as hipóteses que enunciamos acima.

## A renovação historiográfica desde finais do século XX

Desde o momento que o Brasil se tornou independente, as crônicas sobre o Império e, posteriormente, as suas Histórias produziram relatos que procuraram explicar e justificar a sua separação de Portugal<sup>7</sup>. Por todo o século XIX e início do XX, buscou-se construir uma legitimidade para o novo regime, por meio da continuidade da dinastia de Bragança no lado leste do Atlântico. Estabelecia-se um elo de continuidade entre o passado colonial e a nova nação. Vislumbrava-se uma perspectiva em que o príncipe regente D. Pedro procurava ganhar a confiança e proteção de um grupo alinhado a seu projeto de poder – de um governo unitário e centralizador – recuperando a autoridade político-administrativa do Rio de Janeiro sobre as demais províncias<sup>8</sup>. Tal questão, no entanto, não respondia ao complexo processo que levou à formação do Império Brasileiro.

Conforme apontamos acima, foi apenas nos anos setenta do século XX que o tema da independência ganhou novo destaque, quando das comemorações de seu Sesquicentenário em meio à ditadura militar. Em oposição aos festejos públicos, destaca-se o trabalho de José Honório Rodrigues que, ainda que em uma perspectiva nacionalista em que a independência constituía o ponto final de um processo linear, que forjara uma consciência nacional, defendeu como a mesma fora uma revolução, que rompeu com os laços que prendiam a América portuguesa à sua antiga metrópole e punha fim às tradições coloniais<sup>9</sup>.

Com a crescente produção universitária, ligada aos programas de pós-graduação, em função de uma maior especialização dos temas, ocorreram outras abordagens em relação à independência, ampliando em muito os estudos históricos sobre a temática. Na abertura definitiva de uma perspectiva crítica, ainda nos anos 70, inserida na dinâmica metrópole/colônia e nos circuitos da acumulação primitiva do capital, a independência constituía-se como o resultado da crise, nos finais do século XVIII, do sistema colonial, na interpretação de Fernando Novais e de Carlos Guilherme Mota. A independência seria assim um momento

---

7. Um dos primeiros a narrar a Independência do Brasil foi José da Silva Lisboa, em obra encomendada pelo governo Imperial (Lisboa, 1826).

8. Entre alguns trabalhos sobre a historiografia da Independência, cfr. Carvalho, 2008; Graham, 2001; Siqueira, 2006; Malerba, 2006; Costa 2005; Pimenta, 2007; Pimenta, 2009 e Neves, 2010.

9. Rodrigues, 1975-1976, 5v.

inicial de um longo processo de ruptura, resultado da desagregação do sistema colonial e da montagem do Estado nacional<sup>10</sup>. Nessa linha, veio à luz a coletânea organizada por Mota, 1822: *dimensões*, que propunha explicar o sentido da independência, a partir de uma perspectiva mais geral, através da crise do antigo sistema colonial, e outra mais específica, em que se analisaram diferentes casos regionais, uma inovação na abordagem da temática<sup>11</sup>.

Nos anos 90, em virtude das muitas permanências de longa duração da formação social brasileira, uma série de estudos, tanto no Brasil, quanto em Portugal, procuraram inserir a independência na dinâmica mais profunda do Antigo Regime, destacando os fatores políticos e culturais, que provocaram uma disputa pela hegemonia no interior do império luso-brasileiro. Nessa abordagem, podem ser destacados dois trabalhos pioneiros, os de Maria Beatriz Nizza da Silva e o do historiador português Valentim Alexandre, além da inovadora interpretação do processo do ponto de vista da discussão sobre a emergência nacional de István Jancsó e João Paulo Pimenta. Fundamental igualmente foram as teses precursoras sobre o assunto nos programas de pós-graduação no Brasil<sup>12</sup>.

Dentro dessa ótica mais recente de estudos, outras preocupações e percepções vieram à luz, abandonando, cada vez mais, as versões lineares e mecanicistas, que foram ultrapassadas pelas relações na esfera da vida política, dotada de luz própria, com a vida material, não mais vistas como dadas e concluídas, mas como problemas a serem investigados por meio de pesquisas documentais e das próprias experiências históricas. Tais questões contribuíram para um estudo mais aprimorado e fino da temática: a participação das camadas populares<sup>13</sup>; a independência e a formação de identidades nacionais<sup>14</sup>; o debate político e o estudo do vocabulário político<sup>15</sup>; a constituição de espaços públicos de discussão e de sociabilidade<sup>16</sup> ou a problematização do consagrado conceito de recolonização<sup>17</sup>.

Para além dessas questões, surgiram também estudos acerca das várias partes que compunham o Brasil, no momento do processo da emancipação política, demonstrando as complexidades existentes entre as diversas províncias e a Corte fluminense, como já apontou Evaldo Cabral de Mello, ao afirmar que a «fundação do Império é ainda hoje uma história contada exclusivamente do ponto do Rio de Janeiro»<sup>18</sup>. Verifica-se, por conseguinte, que

10. Novais, 1979; Novais e Mota, 1986.

11. Mota, 1972.

12. Cfr. Silva, 1978-1979; Silva, 1988; Alexandre, 1993; Lyra, 1994; Neves, 1995; Neves, 2003. Berbel, 1999; Souza, 1999; Oliveira, 1999; Slemian, 2000; Jancsó e Pimenta, 2000.

13. Cfr. Ribeiro, 2002; Kraay, 2001.

14. Cfr. Jancsó e Pimenta, 2000; Ribeiro, 2002; Pimenta, 2002.

15. Oliveira, 1984, pp. 55-65; Oliveira, 1999; Coelho, 1993; Neves, 1999, pp. 41-65; Neves, 2003; Lustosa, 2000; Carvalho, Bastos e Basile, 2014.

16. Morel, 2005; Barata, 2006.

17. Berbel, 2005, pp. 791-808; Rocha, 2009; Oliveira, 2022a, pp. 81-115.

18. Mello, 2004. Para a análise da Independência em outras províncias ver, sobretudo, os artigos que constituíram o livro organizado por Jancsó, 2005. Cfr, ainda: Desde os estudos de Holanda (1962) até as obras mais pontuais sobre as províncias, podendo-se citar, entre outros, Pernambuco: Carvalho, 1998; Ber-

outros caminhos ainda podem ser trilhados, como comprovaram as novas discussões e os inúmeros artigos, coletâneas e livros resultantes das comemorações do Bicentenário da Independência, destacando também os inúmeros blogs, sites, vídeos no YouTube, como analisado também neste artigo. Ainda que seja impossível citar e comentar em tão poucas páginas os mais de trezentos trabalhos que foram publicados em 2022 sobre o tema - entre artigos, livros autorais, livros organizados, anais de congresso -, trazendo contribuições diversas de autores nacionais e estrangeiros, algumas linhas gerais podem ser destacadas<sup>19</sup>.

Nos trabalhos na historiografia portuguesa, há uma indagação constante sobre a construção da Independência do Brasil e a manutenção de uma monarquia constitucional no meio das repúblicas hispano-americanas, combinando, nos planos político, ritual e simbólico, a legitimidade dinástica dos Braganças. Outro ponto fundamental que é abordado volta-se para a coexistência de uma cultura política liberal e a escravatura. No mundo hispânico, procura-se demonstrar tensões, mas também aproximações entre as antigas colônias da Espanha e a colônia de Portugal<sup>20</sup>. Dentre os inúmeros temas que se destacaram na produção historiográfica de 2022, devem ser assinalados alguns pontos que já vinham sendo estudados pela historiografia e que contribuíram para realizar um contraponto crítico às leituras encampadas pela extrema direita. São eles: o rechaço à ideia da unidade política e territorial do Brasil em contradição com os acontecimentos da América hispânica, assunto tão decantado nos trabalhos anteriores; o mesmo no tocante a considerar a independência como processo pacífico, com a incorporação da dimensão conflitiva do processo, com o abandono da centralidade do Centro-Sul; a valorização da inserção do Brasil na modernidade política, no mundo ibérico-americano, com todas as contradições que lhe foram adjacentes; a participação de vários estratos sociais no processo, aqueles que foram esquecidos pela historiografia dos movimentos de independência; as dimensões do mercado e economia mundiais, bem como o repensar das «instituições», como cidadania, justiça, representação, ciência, educação e religião<sup>21</sup>. Duas grandes novidades consideradas como novos eixos explicativos das independências foram incorporados: as pautas identitárias com a inclusão de indígenas, afrodescendentes, africanos e mulheres, a ascensão do tema dos usos do passado e dos negacionismos, e a força com que veio à tona a história pública.

Dessas discussões, alguns pontos devem ser comentados. Um deles é a questão da unidade territorial e política que se mescla com o mito de que a construção da Independência foi um

---

nardes, 2006; Mello, 2022; Cabral, 2022; Cabral, 2022. Bahia: Araújo, 2001; Wisiaik, 2005; Graham, 2005; Tavares, 2005; Sousa, 2008. Maranhão: Assunção, 2005; Galves, 2015; Araújo e Galves, 2023. Pará: Coelho, 1993; Machado, 2010; Machado, 2023. Cisplatina: Pimenta, 2002, Frega, 2009; Frega, 2014 e Winter, 2022, pp. 138-159.

19. Agradecemos a João Gabriel Covolan Silva/João Paulo Pimenta o levantamento inédito das obras publicadas em 2022 feitos a partir do site <https://independencias-memorias.com.br/web/index.php/index/apresentacao-index>, acessado em 22/01/2024.

20. Entre algumas obras estrangeiras, devem-se citar: Stumpf e Monteiro, 2022; Frassetto Miguel e Escrig Rosa, 2022.

21. Santirocchi, 2022a.



processo único e pacífico. Para tal, basta lembrar que se, no final de 1822, as províncias do sul e do sudeste já tinham se manifestado favoravelmente à Independência do Brasil, por meio de ofícios e proclamações enviados pelas Câmaras Municipais, quando da consulta sobre a aclamação de D. Pedro como Imperador do Brasil, em 12 de outubro de 1822; outras só juraram adesão e obediência ao Imperador mais tarde. Pernambuco, por exemplo, prestou homenagens a D. Pedro, em dezembro de 1822, seguindo-se, em 1823, Goiás e Mato Grosso e, depois, Rio Grande do Norte, Alagoas e Sergipe. As quatro províncias do Norte: Pará, Maranhão, Piauí e Ceará – juntamente com a Bahia e a Cisplatina – permaneceram, contudo, fiéis às Cortes de Lisboa. Assim, a decantada unidade em torno do Rio de Janeiro só foi imposta por meio de guerras – as guerras de independência – com efusão de sangue, contrariando a lenda rosada e ufanista de um Brasil pacífico e não violento, que não se deixou arrebatar pelo turbilhão das repúblicas revolucionárias circunvizinhas, como proclamava o cronista do Império, José da Silva Lisboa. As guerras demonstravam também que não se tratava de uma questão de ser português ou de ser brasileiro. Em muitos casos, houve também lutas iniciadas por questões locais, que acabaram por se transformar em uma batalha que levava à opção entre Lisboa e Rio de Janeiro, o que nem sempre garantiu a imensidão desse Império Brasileiro. Além disso, comprovava-se que a ideia, muitas vezes defendida, de um único projeto de independência orquestrado pelo Rio de Janeiro era uma falácia. Por conseguinte, verificou-se que os Brasís eram múltiplos não só em seu território, mas ainda na composição de seu povo<sup>22</sup>.

Partindo dessa perspectiva, o Brasil não virava as costas para a América hispânica, mas enfrentava muitos problemas que os aproximavam. Por exemplo, a província da Cisplatina, que estava anexada ao Brasil, no momento de sua independência, manifestou diversos posicionamentos, inclusive o de solicitar ajuda ao governo de Buenos Aires para uma revolta contra as forças imperiais do Brasil, em 1823, como demonstram trabalhos de Pimenta e Frega<sup>23</sup>.

Um ponto a destacar nos estudos sobre a(s) Independência(s) em seus 200 anos volta-se para seu significado e representações. Não se pensa mais em apreender o processo como um todo, mas as várias independências que ocorreram simultaneamente no território do Brasil. Não se trata de um fato histórico singular, mas como um conceito que deixa de ser uma simples palavra para ser problematizado em seus múltiplos aspectos e interpretações. Não há uma Independência, mas Independências<sup>24</sup>.

Um dos aspectos mais importantes, que tomou conta das discussões historiográficas, principalmente ao longo do Bicentenário, foi compreender que para além das elites do centro-sul do país, que desejavam um Império constitucional, mas sob a firme autoridade de um Imperador, outros indivíduos participaram e lutaram, com objetivos diferentes, neste processo. Foram os «esquecidos da Independência»<sup>25</sup>. Eram o povo miúdo, os escravizados, os

---

22. Cfr. Franchini Neto, 2019; Slemian, 2022; Ayrolo e Chaves, 2022, pp. 1-5; Machado e Guerra Filho, 2023; Neves e Galante, 2023, pp. 174-200.

23. Pimenta, 2002; Pimenta, 2007; Frega, 2014, pp. 510-521.

24. Oliveira, 2022b; Neves, 2022; Pimenta, 2022; Santirocchi 2022b; Santirocchi, 2022c.

25. Neves, 2020; Neves, 2023, pp. 15-35.

libertos, os indígenas, as mulheres, os soldados rasos. Eram personagens desconhecidos ou uma gama de anônimos que também foram protagonistas da Independência. Cada um com seus diferentes anseios, lutando por interesses próprios, nem sempre ligados à causa do Brasil. Muitas vezes, o envolvimento de muitos personagens apresentava uma relação com escolhas e estratégias sociais, sendo possível encontrar figuras desconhecidas, que não podem e não devem ser reduzidas a peças num campo de forças impessoais, uma vez que deixaram rastros na formação de um novo Império – o do Brasil. Afinal, não se deve esquecer que nem sempre houve uma preocupação dos historiadores e das historiadoras em analisar como os homens e mulheres de época vivenciavam e interrogavam o processo de independência. E o que tal processo representou para os contemporâneos da época.

Desse modo, houve um grande avanço no estudo desses atores realizados não só por historiadores da independência, mas também por figuras que representam esses grupos sociais, trazendo uma contribuição fundamental para se esmiuçar tais processos.

Se os estudos em relação aos escravizados já conheciam alguma importância com os trabalhos de João José Reis, Luiz Geraldo da Silva, Marcus Carvalho e Hendrik Kraay<sup>26</sup>, entre outros, foram sobretudo novos olhares sobre a participação dos indígenas que marcaram a historiografia do Bicentenário da Independência. Uma plêiade de temas marcou a participação desses atores nos estudos das Independências<sup>27</sup>. Deve-se destacar ainda a nova leitura poética da ópera *O Guarani* (José de Alencar e Carlos Gomes) por Ailton Krenak que foi encenada em inícios de 2023, questionando o retrato do indígena que ainda persiste em nossa sociedade. De certa forma, esses novos estudos demonstram que para muitos desses povos oprimidos a proposta de uma Independência do Brasil podia significar a sua liberdade, esperando-se que fossem libertados de seus serviços. Independência significava a não sujeição.

Ainda que não pertencessem, algumas vezes, às camadas situadas nas fimbrias da sociedade, outro ator importante nesse processo de lutas foram as mulheres. Renovam-se as visões sobre as «célebres» Maria Quitéria ou soror Joana Angélica, analisando seu papel no jogo das independências, mas aquelas que lutaram tanto pelas armas, quanto pela palavra, por meio de cartas, representações ou versos. Até mesmo, uma menina baiana de 13 anos de idade, que, em seu anonimato e fechada em seu quarto, escrevera versos «lavada em lágrimas», pela crise em que vira sua pátria, devido ao despotismo da Tropa Auxiliadora de Portugal, comandada pelo general Madeira de Melo<sup>28</sup>.

Fizeram-se presentes também obras coletivas como um instrumento precioso de buscas – *O Dicionário da Independência do Brasil: história, memória e historiografia*, organizado por Cecília Helena de Oliveira e João Paulo Pimenta, contando com inúmeros colabora-

26. Reis, 1989, pp. 79-98; Carvalho, 2005, pp. 881-914; Reis, 2022; Kraay, 2022, pp. 141-171; Silva, 2022, pp. 247-274. Para 2022, podem ser citados Grinberg, 2022, pp. 125-136; Parron, 2022, pp. 699-740; Santos, 2022.

27. Almeida e Moreira, 2022, pp. 33-66; Moreira et al., 2022; Machado, 2022.

28. [Urânia Valério] 1822; Starling e Pellegrino, 2022; Slemian e Telles, 2022, entre outros, bem como inúmeros podcasts e filmes sobre a participação das mulheres no processo das Independências.

dores<sup>29</sup>. Os temas da historiografia também recontaram a Independência, como o já citado artigo de Rodrigo Turin ou o livro de Valdeci Araújo<sup>30</sup>.

Foi uma produção marcante e que contribuiu para estudos futuros e inovadores das Independências do Brasil, voltada, sobretudo, para o público acadêmico. No entanto, também contamos com trabalhos dirigidos a um público mais amplo, além de todas as mídias apresentadas neste artigo. Uma produção essencial foi a Coleção Brasil: Independências, publicada pela Editora Alameda e pela Sociedade Brasileira de Estudos do Oitocentos - SEO (2022-2023)<sup>31</sup>. Numa linguagem simples e direta, mas com profundo conhecimento, diversos historiadores contaram aspectos essenciais e desconhecidos do processo de separação do Brasil<sup>32</sup>.

Um novo meio de se comunicar com um público mais amplo que aquele acadêmico se tornou algo premente, levando a um fortalecimento do debate sobre história pública e história digital no Brasil. Diferentes formas e linguagens para transmitir o conhecimento histórico passaram a fazer parte das preocupações dos historiadores: vídeos, áudios, redes sociais, blogs, gamificação. Tudo isso foi intensificado com o isolamento social causado pela pandemia de COVID 19, que forçou professores e alunos a lidarem com os meios digitais de comunicação em tempos recordes.

Não há como negar que parte do debate historiográfico e político do Bicentenário teve como arena os meios digitais. Apesar da historiografia ainda dar os seus primeiros passos neste campo, sua importância nos levou a fazer alguns levantamentos sobre as transmissões digitais de vídeo na plataforma YouTube, que tiveram como tema o bicentenário. Como todo trabalho inicial e em uma área que ainda está construindo suas metodologias, estamos cientes dos riscos que corremos, mas acreditamos que os dados aqui apresentados são indícios para compreensão do impacto dos meios digitais e da história pública na transmissão do conhecimento historiográfico. O Bicentenário foi um momento propício para isso, como passaremos a analisar a seguir.

## **A cena pública do Bicentenário: as mídias digitais e a Independência**

A revolução tecnológica e comunicacional<sup>33</sup> tem transformado todos os setores de nossa vida, bem como a produção do conhecimento historiográfico e sua divulgação não seria

---

29. 2022.

30. Turin, 2019; Araújo, 2022; Cirino, 2022, pp. 26-51, entre outros.

31. Os organizadores da Coleção foi a então gestão diretora da SEO, 2021-2023, composta: Presidência - Ítalo Domingos Santirocchi, Vice-Presidência - Alexandre Mansur Barata, 1ª Secretária - Karoline Carulla, 2ª Secretária - Joana Monteleone, 1º Tesoureiro - Wellington Barbosa da Silva, 2º Tesoureiro - Samuel Barros de Medeiros Albuquerque, Conselho Fiscal: Lídia Rafaela Nascimento dos Santos, Pérola Maria Goldfeder Borges de Castro, Mabilia Aline Freitas Sales.

32. Pimenta e Santirocchi, 2022; Galves e Meirelles, 2022; Schiavinatto, 2023; Ricci e Queiroz, 2023; Machado e Guerra Filho, 2023; Costa e Irfi, 2023. Devem ser citados ainda Pimenta, 2022 e Leal e Chaves, 2022.

33. Soares e Bezerra, 2017, pp. 2-5.

diferente. A internet, as redes sociais, os canais digitais de imagem e áudio transformaram o modo como acessamos as informações, como realizamos as pesquisas em acervos e os meios pelos quais o conhecimento é transmitido. Da mesma forma, a abrangência e a possibilidade de acesso ampliada do que escrevemos e dizemos por qualquer pessoa, o que certamente nos impõe uma nova condição para a expressão de ideias.

Nesse sentido, ainda que o texto seja um produto fundamental na divulgação do conhecimento historiográfico, os meios audiovisuais digitais também se tornaram eficazes e populares para isso, sendo hoje essencial que todo aprendiz de historiador ou profissional da história aprenda como utilizá-los. Todavia, não há dúvida que é importante que essa produção continue sendo submetida ao escrutínio dos pares. Portanto, «é preciso levar em conta os impactos do paradigma digital no meio historiográfico, que alterou os mecanismos de consagração e autoridade, de modo que erudição, títulos, docência, pesquisa ou vínculo institucional não necessariamente garantem prestígio, credibilidade e autoridade ao produtor do discurso»<sup>34</sup>.

Esse fenômeno gerou uma democratização da produção e divulgação de conteúdos. Em outras palavras, antes dependíamos das editoras, das redes de televisão e de rádio para que os nossos conteúdos fossem publicados, divulgados ou apresentados ao público. Caso contrário, dependeríamos de restritos circuitos alternativos de produção e divulgação. No entanto, o fato de poder produzir mídias audiovisuais e disponibilizá-las digitalmente definitivamente não significa que elas serão consumidas por um grande público. É necessário investir recursos financeiros para divulgação e conhecimento dos algoritmos das plataformas onde o material é disponibilizado, para que se consiga audiência, seguidores ou inscritos. Além disso, canais de grande visibilidade na plataforma YouTube demandam investimento não só em equipamentos, mas também em equipe técnica, mesmo que esta seja composta de apenas uma pessoa, em auxílio ao/à *youtuber*.

De qualquer forma, hoje qualquer um pode abrir um canal de vídeo digital, uma rádio digital, produzir uma amostra digital ou um livro digital, sem grandes dificuldades ou custos. Lógico que essa facilidade gerou um cenário de comunicação selvagem, desregulada, no qual *fake news* e discursos de ódio ganharam amplo campo de disseminação, com a desinformação crescendo na mesma proporção, ou até mais rápido e em maior número, que a informação séria, comprometida com os fatos. Até porque conseguir chegar às pessoas, obter engajamento do público, passou a ser o grande desafio dos que se aventuram nessa ação.

Essas mudanças trouxeram para o Bicentenário o fortalecimento da história pública no Brasil, como jamais visto anteriormente. Como um campo de práticas da historiografia e dos historiadores que busca divulgar o conhecimento histórico e interagir com públicos mais amplos do que aquele dos especialistas, a história pública tem sido um fenômeno mundial investimento da comunidade no anseio de ocupar um espaço público, mas também de editoras por interesses comerciais. Isso acontece por meio das mais variadas práticas, como a elaboração de amostras, intervenções artísticas, textos de divulgação científica, documentá-

---

34. Gontijo, 2023, p. 5.

rios, podcasts, etc. Em suma, não há como negar que ela busca ampliar a interação do público geral com o conhecimento histórico<sup>35</sup>.

Mesmo diante das dificuldades de atingir um grande público no tocante à linguagem, a democratização da produção e propagação de conteúdos digitais favoreceu a autonomia das historiadoras e dos historiadores para divulgação do conhecimento histórico. Por meio das interações que ocorrem em canais de transmissão como o já mencionado YouTube, além do Instagram, blogs e redes sociais, hoje encontramos muitos canais digitais, aplicativos de podcasts, livros em pdf ou ebook, blogs e redes sociais voltados para o conteúdo de História. Dirigidos por historiadores, mas igualmente por jornalistas e apaixonados pelo tema, a história parece mais do que nunca ser um campo aberto, também de disputas sobre o presente/passado. Não à toa, nossas associações profissionais investem em canais digitais que, além de divulgar o conhecimento histórico, por vezes ajudam até mesmo a gerar rendas para as entidades. O mesmo pode ser dito para as revistas acadêmicas que cada vez mais investem nesses meios de divulgação do conhecimento. Tudo isso impactou significativamente os debates sobre o bicentenário.

Esses mesmos instrumentos também foram utilizados para revitalizar uma história ufanista, bem ao estilo do século XIX, focada nas elites, nos grandes heróis e símbolos nacionais. Uma história nacionalista, que segundo Neuma Brilhante,

desqualifica projetos políticos alternativos, representa os opositores como desordeiros e ignorantes, subordina grupos humanos diferentes do eleito como constituinte de seu povo. A aproximação entre discurso nacionalista e discurso supremacista é enorme. Lembremos que todas as experiências totalitárias do século XX foram respaldados por narrativas nacionalistas, em geral, contadas a partir de viés teleológico, pelo qual a formação do grandioso Estado e da nação estava traçado desde tempos imemoriais<sup>36</sup>.

Os usos da história por projetos políticos não é uma novidade do século XXI, mas seu impulsionamento pelos meios de comunicação digital sim. Como destacamos desde o início, no Bicentenário os usos e abusos políticos da história foram intensificados pelo contexto político de polarização entre o então governo de extrema direita e ultraliberal, que tinha por presidente da república Jair Bolsonaro, e seu principal opositor nas eleições de 2022, o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, então candidato à presidência pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Em pleno governo da direita, entre 2019 e 2022, seus membros e aliados buscaram dar os tons das comemorações e das interpretações do passado que lhes eram convenientes: ufanista e elitista, ela buscava identificar o governo de extrema direita com

---

35. Para mais informações sobre História Pública conferir: História Pública [site]. Internet. <https://historiapublica.sites.ufsc.br/o-que-e-historia-publica/> ; Introdução à História Pública, organizado por Juniele Rabêlo de Almeida e Marta Gouveia de Oliveira Rovai (Letras e Voz, 2011) e História Pública no Brasil – sentidos e itinerários, organizado por Ana Maria Mauad, Juniele Rabêlo de Almeida e Ricardo Santhiago (Letras e Voz, 2016).

36. Cafêhistória, 2020.

a nação, seus membros com os heróis da independência, cabendo a Jair Bolsonaro o papel daquele que, como «messias», proclamaria uma segunda independência do país.

Parte da sociedade brasileira esperava que as comemorações tivessem tido a grandeza daquelas ocorridas por ocasião dos 500 anos dos descobrimentos da América, ou dos duzentos anos da vinda da família real portuguesa para o Brasil. Segundo Bruno Leal, em sua introdução à entrevista a Neuma Brillhante,

Lembro que eu estava no meu segundo ano do mestrado em Memória Social quando acompanhei as «comemorações» dos 200 anos da chegada da família real brasileira ao Rio de Janeiro. Eu fiquei realmente impressionado com a grandiosidade da efeméride. Houve shows, discursos públicos, reportagens, exposições, selos comemorativos, conferências e o lançamento de «1808», livro do jornalista Laurentino Gomes que se tornou um inédito fenômeno de vendas. Pelo menos no Rio de Janeiro, minha cidade natal, e onde eu então vivia, as pessoas pareciam tomadas por uma arrebatadora e apaixonada curiosidade por esse período da história do Brasil<sup>37</sup>.

Mas as comemorações do Bicentenário da Independência foram bem diferentes daquelas dos duzentos anos de 1808. Em 2016, ainda no governo de Michel Temer, começaram algumas iniciativas tímidas por parte do governo federal, como a criação da Comissão Interministerial Brasil 200, sob direção do Ministério da Cultura. Essa iniciativa não ganhou fôlego no governo de Jair Bolsonaro, sendo a Comissão transferida para o Ministério da Cidadania em 2019. Ela trouxe poucos resultados, o que levou alguns ministérios a tentarem organizar algo de forma independente, como a Secretaria Especial da Cultura ou o Ministério do Turismo<sup>38</sup>. O Senado criou sua Comissão Especial do Bicentenário da Independência do Brasil em 06/08/2008, quando foi aprovado pela Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania<sup>39</sup>. No âmbito da Câmara dos Deputados, foram montadas duas Comissões Especiais da Independência do Brasil, chamadas de Comissão Curadora, com o objetivo de comemorar os duzentos anos da Independência. A primeira na 55ª Legislatura (2015 – 2019) e a segunda na 56ª Legislatura (2019 – 2022)<sup>40</sup>. Estas duas foram bastante ativas, produzindo congressos, podcasts e publicações. Mas nenhuma delas produziu uma iniciativa de abrangência nacional, com especialistas das áreas, que tivesse maior impacto. Vale ressaltar as iniciativas do Itama-

---

37. Caféhistoria, 2020.

38. Algumas das campanhas do Bicentenário para redes sociais, elaboradas pelo governo federal sob a presidência de Jair Bolsonaro podem ser vistas no site: Gov. (29 de julho, 2022). *Bicentenário nas Redes* [site]. Internet. <https://www.gov.br/pt-br/campanhas/bicentenario./bicentenario-nas-redes-sociais#:~:text=%F0%9F%93%B2%20Compartilhe%20nas%20redes%20sociais,-Twitter%20I%20Instagram&text=%F0%9F%87%A7%F0%9F%87%B7%20Estamos%20entrando%20no,longo%20de%20toda%20nossa%20Hist%C3%B3ria>.

39. Senado, 2008.

40. Câmara, 2017.

raty e da Fundação Alexandre de Gusmão, ligados o Ministério das Relações Exteriores, com publicações de coleções<sup>41</sup>, textos e exposições<sup>42</sup>.

Um dos ápices da comemoração bolsonarista foi a campanha pela vinda temporária do coração de D. Pedro I conservado no Porto, em Portugal<sup>43</sup>, e o comício eleitoreiro de gigantescas proporções em Brasília, no dia Sete de Setembro de 2022, cujo foco principal eram as eleições que ocorreriam exatamente no mês seguinte, em outubro<sup>44</sup>. Os demais candidatos praticamente se restringiram a publicações em suas redes sociais.<sup>45</sup> Concomitante ao ato bolsonarista, ocorria seu verdadeiro contraponto crítico, que foi o Grito dos Excluídos e das Excluídas<sup>46</sup>, que ocupou as ruas de várias cidades do país; mas a grande mídia televisiva e jornalística focou suas atenções – favoráveis ou críticas – ao showmício do Bicentenário organizado pelo presidente da república.

A construção da leitura histórica ufanista e nacionalista não se restringiu a isso. Há alguns anos, parte do empresariado brasileiro, alinhados ao conservadorismo e ao neoliberalismo econômico, investiam nos seus próprios canais digitais de divulgação. O maior exemplo disso é o canal do YouTube: *Brasil Paralelo*. A empresa Brasil Paralelo Entretenimento e Educação S/A, criada em 2016, no mesmo ano que se iniciaram as ações governamentais para o bicentenário, investiu fortemente em documentários históricos de alta qualidade técnica, mas com um viés próximo ao positivismo oitocentista; mesmo que com certas «inovações» ao abrir espaço, por exemplo, para a figura da Princesa Leopoldina no panteão da independência<sup>47</sup>.

Essa postura de parte da elite econômica brasileira é confirmada pela carta de Flávio Rocha, proprietário das Lojas Riachuelo, em 2018, no lançamento do instituto «Brasil 200 anos» com a proposta de *refundar* o Brasil. Para ele, o problema do país é que:

O Brasil hoje não tem um governo, é o governo que tem um país que vive para sustentar sua ganância, seu desperdício, seu endividamento, seus ralos bilionários de corrupção e clientelismo, suas regulações insanas, seu intervencionismo retrógrado, sua aversão ao liberalismo e ao empreendedorismo, seu paternalismo autoritário, sua incompetência criminoso e sua fome insaciável por poder, dinheiro e ingerência na vida do cidadão e das empresas. É preciso dar um basta!<sup>48</sup>

41. <https://cariridasantigas.com.br/funag-disponibiliza-gratuitamente-obras-sobre-a-independencia-do-brasil/#:~:text=FUNAG%20disponibiliza%20gratuitamente%20obras%20sobre%20a%20Independ%C3%Aancia%20do%20Brasil,-Por&text=No%20contexto%20das%20comemora%C3%A7%C3%B5es%20do,na%20biblioteca%20digital%20da%20FUNAG.>

42. <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2022/09/5034480-exposicao-no-itamaraty-celebra-bicentenario-da-independencia-do-brasil.html>

43. Sobre esta questão conferir: Revista Forum (12 de maio, 2022). *Obsessão macabra dos militares e de bolsonaro pelo cadáver de D. Pedro* [blog]. Internet. <https://revistaforum.com.br/blogs/socialista-morena/2022/5/12/obsesso-macabra-dos-militares-e-de-bolsonaro-pelo-cadaver-de-d-pedro-116286.html> .

44. O Globo, 2022.

45. Diário do poder, 2022.

46. Grito dos excluídos, 2023.

47. Conf. Nicolazzi, 2021.

48. FIERN, 2018.

Para mudar essa realidade seria necessária uma *nova* independência, que viria com um *novo* governo nas eleições daquele ano:

Agora é hora de mostrar que é possível um outro caminho. O próximo presidente governará o país de janeiro de 2019 até o final de 2022. Numa dessas coincidências mágicas, 2022 é exatamente o ano em que o país completará 200 anos do dia em que, às margens do Rio Ipiranga, Pedro I deu o grito que tornou o Brasil uma nação independente de Portugal.

Quero sugerir a todos vocês que chegou a hora de uma nova independência: é preciso tirar o estado das costas da sociedade, do cidadão, dos empreendedores, que estão sufocados e não aguentam mais seu peso. Chegou o momento da independência de cada um de nós das garras governamentais. Liberdade ou morte!<sup>49</sup>

Portanto, o Bicentenário desejado por parte da elite econômica brasileira não era o das reflexões historiográficas ou das grandes comemorações, mas aquele que ampliasse o seu poder sobre o governo e sobre a sociedade brasileira. O que estava em jogo era a utilização do passado para refletir sobre o presente e apresentar um projeto de futuro de setores do empresariado, que era aquele da exclusão, nacionalista e ufanista:

O livre mercado não é apenas a melhor arma contra a pobreza, é a única. Todos nós, em algum momento da vida, precisamos fazer uma escolha: ou estamos ao lado dos pobres ou da pobreza. Ou temos amor aos mais necessitados ou temos ódio aos ricos. São sentimentos incompatíveis. Se você é solidário aos pobres, faz tudo para que saiam da pobreza. E é o livre mercado que pode gerar oportunidades e riqueza para todos, especialmente os mais pobres. Quando vamos aprender esta que é a mais básica das lições da história?<sup>50</sup>

Enquanto os empresários investiam em seus canais no YouTube ou em eleger um presidente que os representasse, o governo fazia tímidos movimentos para as comemorações do Bicentenário. As universidades e associações acadêmicas permaneceram inertes até pelo menos o ano de 2020, quando começaram as primeiras iniciativas, bem como a publicação dos primeiros livros sobre a temática, com exceção da USP, que com o projeto 3x22 organizado pela Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM), promoveram ações desde 2017. Esse processo se intensificou em 2021, com a criação do *Portal do Bicentenário* - uma iniciativa coletiva em rede a partir da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, que visa disponibilizar conteúdos sobre os 200 anos do Brasil e seus desdobramentos -, mas envolvendo também outras instituições, bem como por meio de iniciativas da *Associação Nacional de História* (ANPUH) e pela *Sociedade Brasileira de Estudos do Oitocentos* (SEO).

Dessas três fontes surgiram importantes iniciativas e eventos acadêmicos que refletiram sobre os 200 anos das independências do Brasil e sobre os 200 anos de história do Brasil,

---

49. FIERN, 2018

50. FIERN, 2018.



como o próprio site e canal do YouTube do *Portal do Bicentenário*, os canais na mesma plataforma das duas associações citadas, o *Blog das Independências*, juntamente com a Revista *Almanack*, culminando no Congresso Internacional *Independências do Brasil*, que teve atividades digitais desde os primeiros meses de 2022 e um evento híbrido entre 29 de agosto e 2 de setembro de 2023. As diferentes universidades, órgãos e associações acadêmicas também organizaram suas reflexões com eventos tradicionais ou especiais que discutissem a temática à luz dos temas e novas interpretações trazidos pela historiografia desde os últimos anos.

Desenhava-se uma grande luta de narrativas, reflexões sobre o presente e projetos para o futuro do país, principalmente, devido à intensa polarização política entre Bolsonaro, da extrema direita, e Lula, de centro-esquerda/neoliberal. Novas pesquisas historiográficas apresentavam a participação popular, regional, de negros, indígenas e mulheres na independência, enquanto narrativas ufanistas, nacionalistas e elitistas sobre o passado eram produzidas por diferentes grupos políticos. Todavia, em relação ao discurso historiográfico, ou seu uso político, as condições entre os combatentes foram muito desiguais.

A comunidade historiadora e educadora se preparou para ocupar os espaços digitais e se lançaram nas mídias digitais, mesmo não possuindo os recursos suficientes para produção e divulgação de material que cativasse e atingisse o grande público, como ocorriam com as iniciativas dos empresários e da mídia tradicional (canais de televisão, rádios e jornais impressos). Os acessos e visualizações do material digital produzido pela primeira, congregando muitas iniciativas acadêmicas, foi muito menor se comparado aos demais, mas ainda esteve presente. Isso pode ser percebido por parte do levantamento que realizamos, que reúne uma pequena amostra de canais digitais desses segmentos, que já existiam ou foram criados entre o período de janeiro de 2021 a dezembro de 2022 (cujos dados de acesso foram levantados em 18/07/2023).

Analisamos 42 canais de YouTube de diferentes tipos de organizações<sup>51</sup>, 356 produtos (transmissões ao vivo ou gravadas), que geraram 1.198.606 visualizações. Não é nosso objetivo aqui analisar toda essa massa de dados, mas chamar atenção para as discrepâncias existentes, seja relativa ao seu alcance, bem como acerca das temáticas. Para que se possa ter ideia dos números absolutos de acessos que os conteúdos sobre independência tiveram em cada canal no final do período que medimos, veja-se a tabela e gráfico abaixo com os mais acessados:

---

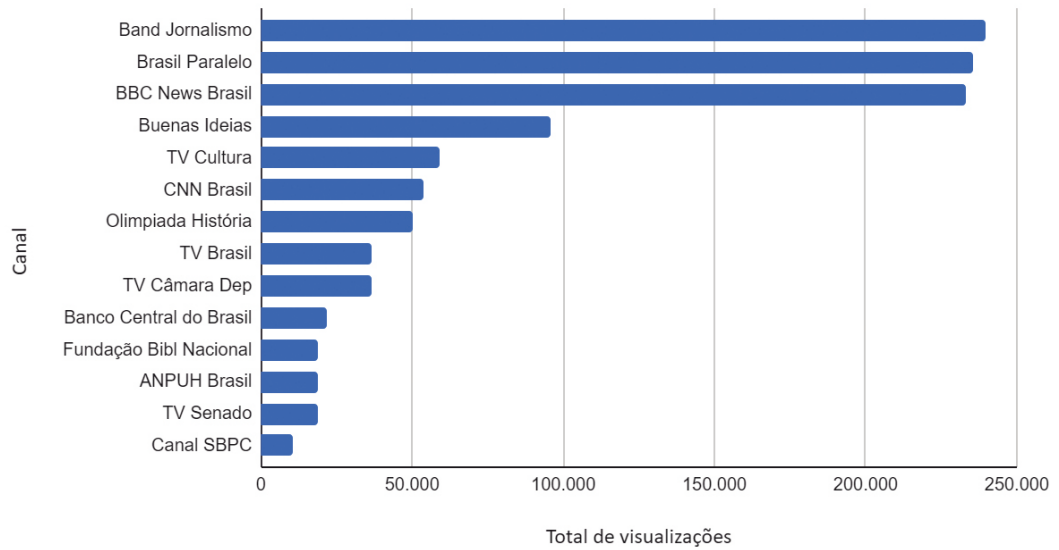
51. Sociedade de Estudos dos Oitocentos, Associação Nacional de História - ANPUH Brasil, ANPUH RJ, ANPUH PIAUÍ, ANPUH SP, Revista *Almanack*, Brasil Paralelo, Portal do Bicentenário, LUPPA OUTROS 200, LUPPA UFRGS, Centro de Memória – Unicamp, PPGH UFC, CAHIS UFPI, PET História-UFF, História USP - Canal Oficial, Canal USP, Iri USP, Departamento de História - PUC-Rio, LEHMT UFRJ, Canal SBPC, Fundação Biblioteca Nacional, Fundação Alexandre de Gusmão, Fundação Perseu Abramo, EPCC, Império e Lugares no Brasil, Olimpíada Nacional em História do Brasil, Editora Contexto, Agenda Bonifácio, Buenas Ideias, AFFEMG, Canal Àwuré, Prefeitura de Caxias, Banco Central do Brasil, CNN Brasil, Band Jornalismo, TV Brasil, Notícias em Foco, BBC, News Brasil, Jornalismo TV Cultura, TV Cultura, Câmara dos Deputados, TV Senado.

<b>Nome do Canal YouTube</b>	<b>Quantidade de vídeos sobre Independência</b>	<b>Total de visualizações</b>
Band Jornalismo	22	239.730
Brasil Paralelo	5	235.600
BBC News Brasil	2	233.000
Buenas Ideias	1	96.000
TV Cultura	1	59.000
CNN Brasil	17	53.505
Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONH)	8	50.500
TV Brasil	43	36.597
TV Câmara dos Deputados	17	36.524
Banco Central do Brasil	1	22.000
Fundação Biblioteca Nacional	26	19.116
Associação Nacional de História - ANPUH Brasil	16	18.864
TV Senado	15	18.824
Canal Sociedade Brasileira da Pesquisa Científica – SBPC	24	10.518
Portal do Bicentenário	18	9.728
Agenda Bonifácio (Governo do Estado de São Paulo)	19	9.614
Canal USP	3	7.342
Sociedade de Estudos dos Oitocentos	29	7.086
Notícias em Foco CBN Globo	1	5.500
Fundação Perseu Abramo	10	4.470
Jornalismo TV Cultura	2	3.600
Prefeitura Municipal de Caxias/Maranhão	1	3.500
História USP - Canal Oficial	13	3.038
LEHMT UFRJ - Laboratório de Estudos de História dos Mundos do Trabalho	7	2.567
Fundação Alexandre de Gusmão	1	1.400
Centro de Memória - Unicamp	3	1.391

CAHIS UFPI - Centro Acadêmico de História da Universidade Federal do Piauí	2	1.334
Revista Almanack	13	1.252
PPGHUFC - Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal do Ceará	8	1.152
Associação Nacional de História ANPUH PIAUÍ	2	958
Editora Contexto (São Paulo)	3	934
Associação Nacional de História ANPUH SP	4	771
Império e Lugares no Brasil	3	704
Departamento de História - PUC-Rio de Janeiro	3	700
Associação Nacional de História ANPUH Rio de Janeiro	1	577
AFFEMG - Associação dos Funcionários Fiscais de Minas Gerais	1	259
Canal Awúre	3	227
Iri USP	1	165
LUPPA UFRGS - Laboratório de Estudos sobre os Usos Políticos do Passado	3	142
LUPPA OUTROS 200 - Laboratório de Estudos sobre os Usos Políticos do Passado	2	137
PET História-UFF	1	105
Grupo de pesquisa Economia Política da Comunicação e da Cultura	1	105

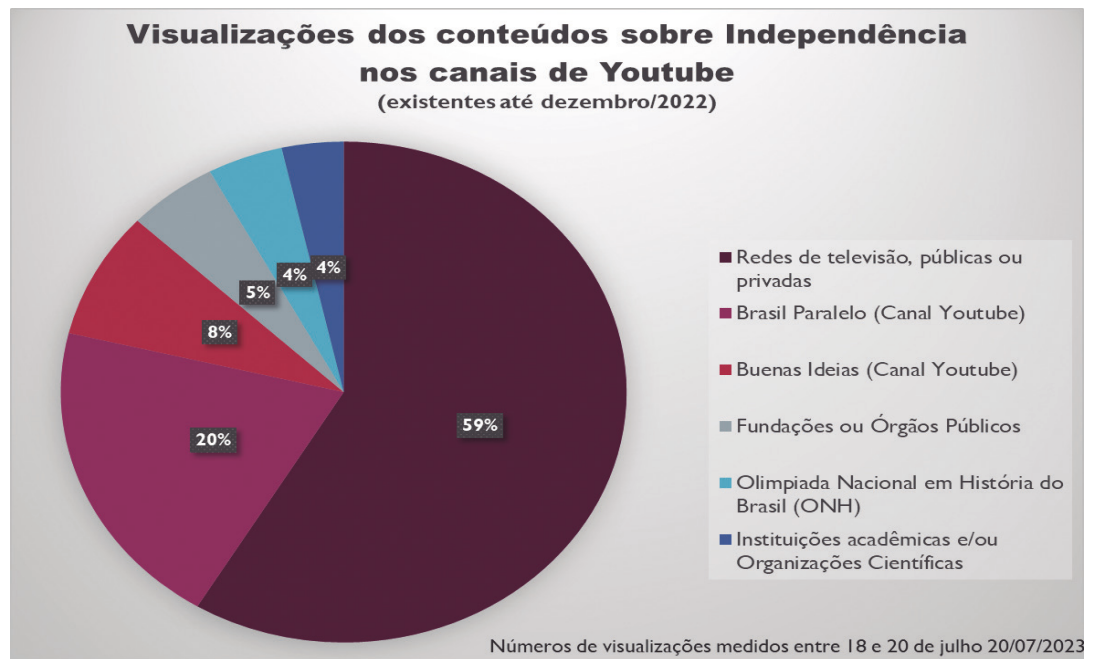
Fonte: YouTube, pesquisa e sistematização feitas por Fabiane Silva Peruzzo.

### Total de visualizações versus Canal



Fonte: YouTube, pesquisa e sistematização feitas por Fabiane Silva Peruzzo.

Se juntarmos as emissoras de televisão, privadas e públicas, vemos um cenário como do gráfico abaixo em número de visualizações:



Fonte: YouTube, pesquisa e sistematização feitas por Fabiane Silva Peruzzo.

Mesmo tendo em mente que os conteúdos criados antes de 2021 tiveram mais tempo de acesso, a amostragem é válida para que se tenha em vista o que foi consumido até julho de 2023, quando foi feita a medida. As discrepâncias são muito evidentes. O que se percebe imediatamente, ao ver esses números, é que os produtos mais consumidos (visualizados) ainda são aqueles produzidos pelos tradicionais canais de TV privados, na sua versão digital, com a Band Jornalismo, a BBC News Brasil, a CNN Brasil entre os 10 primeiros, seguido de perto por empresas e *youtubers* que investiram em conteúdo histórico, ambos com linguagem jornalística que prometem «revisar» o passado - como é o caso do *Brasil Paralelo* e do canal *Buenas Ideias*. Podemos notar dois fatos interessantes: o primeiro é que três canais de TV públicos estão entre os 10 primeiros canais acessados, sendo um deles a TV Cultura, que está entre os 5 mais visualizados, ocupando a quinta posição. Os outros dois são TV Brasil e TV Câmara dos Deputados; o segundo, que é uma grande surpresa, ficou por conta do canal da *Olimpíada Nacional em História do Brasil*, demonstrando a força dessa iniciativa de divulgação científica de qualidade, que aparece em sétimo. Em décimo está o Banco Central, que com um único produto, o *Lançamento das Moedas Comemorativas do Bicentenário da Independência*<sup>52</sup>, transmitido em 26/07/2022, teve 22.000 visualizações.

Os cinco canais seguintes foram o da *Fundação Biblioteca Nacional*, da *Associação Nacional de História* (ANPUH Brasil), da TV Senado, o Canal SBPC (*Sociedade Brasileira para o Projeto da Ciência*) e o do *Portal do Bicentenário*. Todos esses são iniciativas de acadêmicos e acadêmicas, na maior parte das vezes buscando produzir uma divulgação ao grande público. Apesar das dezenas de vídeos publicados por cada um, o número total de visualizações é muito inferior aos cinco primeiros. A *Sociedade de Estudos dos Oitocentos* (SEO) aparece em décimo oitavo lugar, logo após o Canal da USP, mesmo tendo o segundo maior número de produtos sobre o Bicentenário, 29 no total - perdendo somente para a TV Brasil com 43, gerando um total de 7.086 visualizações.

Mas se fizermos uma relação entre número de produtos e visualizações, salta aos olhos a força do *Brasil Paralelo*, da BBC NEWS e do *Buenas Ideias*. Enquanto a Band Jornalismo teve de produzir 22 vídeos para atingir 239.730 visualizações, a BBC NEWS produziu dois para ter 233.000, o *Buenas Ideias* apenas um para ter 96.000, e o *Brasil Paralelo* cinco para ter 235.600. Esses quatro canais juntos somam mais de 2/3 de todas as visualizações, o que nos permite chegar a algumas conclusões, ainda que provisórias. Uma delas é que as maiores audiências ainda continuam sendo as das transmissões televisivas tradicionais; a outra é que, entre os canais digitais, aqueles pertencentes às emissoras privadas e os de empresas e *youtubers* profissionais praticamente monopolizaram as visualizações.

A próxima conclusão poderá parecer decepcionante: muitos avanços da historiografia só foram percebidos pelos profissionais da história, acadêmicos e educadores, muitas vezes pressionados e policiados por militantes políticos e por grupos identitários na sua divulgação. Para o grande público, as interpretações e pesquisas historiográficas mais recentes praticamente passa-

---

52. Banco Central, 2022. Essa transmissão muito provavelmente também envolveu um público interessado em coleções e numismática.

ram despercebidas, sendo que somente o canal da *Olimpíada Nacional em História do Brasil* que provavelmente conseguiu «furar a bolha» dos profissionais da história e da educação. As transmissões digitais dos canais de TV públicos se mostraram uma potencial alternativa para divulgação de pesquisas historiográficas, já que atingiram ótimos resultados de visualizações.

Sobre os canais das instituições acadêmicas e/ou organizações científicas, apesar de apresentar números de visualizações muito inferiores aos cinco primeiros canais, o seu surgimento, crescimento e potencial futuro impressionam, pois na sua quase totalidade foram criados durante a pandemia, atingindo qualidade técnica e um importante público em tão pouco tempo. Isso demonstra o compromisso e investimento dessas instituições na divulgação do conhecimento científico e acadêmico, bem como uma «virada» da história pública. Há que se destacar aqui alguns canais voltados para a divulgação histórica e criados por *youtubers* formados em história, como é o caso do Café História<sup>53</sup>, com mais de 15 mil inscritos, cujos vídeos chegam a atingir alguns milhares de visualizações; e o *Leitura Obriga HISTÓRIA*<sup>54</sup>, com 441 mil inscritos, cujos vídeos chegam a atingir a marca de centenas de milhares e até mesmo ultrapassam a marca de um milhão de visualizações.

Se tomarmos igualmente em conta os conteúdos, podemos aferir algumas conclusões iniciais significativas. Mesmo que os dois produtos mais acessados das duas associações acadêmicas citadas, a *Associação Nacional de História* (ANPUH, Brasil) e a *Sociedade Brasileira de Estudos dos Oitocentos* (SEO) tenham atingido um número de visualizações muito inferior ao da empresa *Brasil Paralelo* ou ao tradicional canal de televisão Band Jornalismo, há que se notar que: o produto mais visualizado da SEO foi o episódio dois do programa «8 ou 800», *Os índios e a Independência do Brasil*<sup>55</sup>, transmitido em 07/09/2021, com 782 visualizações; já o da ANPUH foi a abertura do evento 200 anos de Independência - Mesa de abertura: *Independência, Independências*<sup>56</sup>, transmitido em 06/09/2021, com 4.700 visualizações. Enquanto isso, o canal de TV Band Jornalismo, teve como produto mais visualizado no YouTube a reportagem *200 anos da Independência: Confira curiosidades da história do Brasil*<sup>57</sup>, em 14/09/2021, com 67.000 visualizações; enquanto a empresa *Brasil Paralelo* teve como produto mais acessado o documentário *7 de setembro - 200 anos da independência & Brasil: a última cruzada*<sup>58</sup>, em 07/09/2022, com 114.000 visualizações.

É assim evidente e gritante a discrepância entre os acessos e conteúdos dos produtos jornalísticos e empresariais e aqueles produzidos pelos historiadores e suas associações.

53. Cafehistóriatv [canal]. YouTube. <https://www.youtube.com/@cafehistoriatv>, este canal fez duas transmissões que acabaram não sendo contabilizados no levantamento inicial: *Bicentenário da Independência no Contexto: Usos e apropriações das celebrações*, no dia 23/07/2022, com 118 visualizações; e *Lançamento - Várias Faces da Independência*, com Bruno Leal e José Inaldo Chaves, de 5 de agosto de 2022, com 589 visualizações em 17/01/2023.

54. Leitura ObrigaHistória [blog]. Internet. <https://www.youtube.com/@obrigahistoria>

55. SEO, 2021.

56. ANPUH, 2021.

57. TV Band Jornalismo, 2021.

58. Brasil Paralelo, 2022.

Vejamos mais alguns destaques. No Canal da USP, temos o produto *Bicentenário da Independência: Cultura e Sociedade - Revista USP*<sup>59</sup>, mesa de um evento acadêmico, transmitido em 02/08/2022, que teve 5.100 visualizações. No Canal da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), o principal produto foi a mesa Virada da Independência – Abertura *Bicentenário da independência: crises e recursos de enfrentamento*<sup>60</sup>, transmitida em 06/09/2021, com 1.300 visualizações. A Fundação Perseu Abramo, ligada ao Partido dos Trabalhadores (PT), teve como principal produto a abertura do evento *Duzentos anos de luta pela independência*<sup>61</sup>, em 05/02/2022, com a participação da ex-presidente Dilma Rousseff, com apenas 2.300 visualizações. O canal da Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB)<sup>62</sup>, que envolve milhares de escolas de ensino fundamental e médio do Brasil, teve como principal produto *A Violência na História da Independência*, transmitido 01/09/2022, com 14.000 visualizações<sup>63</sup>.

Com um número de visualizações bastante mais elevado, está o *youtuber* Eduardo Bueno, jornalista que escreve textos sobre história do Brasil, em seu canal Buenas Ideias, que teve como principal produto a transmissão *Quando foi a independência do Brasil*<sup>64</sup>, em 01/05/2022, com 96.000 visualizações. Enquanto o *Pronunciamento do presidente Jair Bolsonaro na íntegra no dia Dia da Independência*<sup>65</sup>, pela CNN Brasil, no dia 07/09/2021, teve 16.000 visualizações, a produção da BBC News Brasil, *Como foram os 100 anos da Independência do Brasil*<sup>66</sup>, transmitido em 03/09/2022, atingiu 155.000 visualizações. Para fechar essa amostra, o canal público de televisão, TV Cultura, com o produto *Bicentenário da Independência - Reabertura do Museu do Ipiranga*<sup>67</sup>, em 07/09/2022, teve 59.000 visualizações.

Pelos títulos apresentados, já se pode ter uma ideia dos conteúdos que os canais mais acessados divulgaram, e seguem divulgando. Os vinculados às redes de televisões tenderam a fazer documentários mais descritivos e mesmo explicativos sobre a efeméride, bem como a destacar aspectos midiáticos vinculados às suas curiosidades. Chama a atenção o grande acesso à cobertura oficial da presidência, o que comprova a força televisiva, bem como o caráter nacionalista e oficial que ainda perdura em relação à independência. Sem dúvida, estamos diante de um acesso muito maior a conteúdo com leituras mais tradicionais que tendem a dar explicações gerais sobre o processo da independência. Leitura essa potencializada em uma narrativa épica e emocional produzida pelo Brasil Paralelo. No entanto, por mais que esse canal, em particular, tenha investido na sua despolitização - na chave que propunha uma dessincronização entre a

---

59. Canal USP, 2022.

60. SBPC, 2021.

61. Fundação Perseu Abramo, 2022.

62. ONHB, [site]. Internet. <https://www.olimpiadadehistoria.com.br/>.

63. Canal ONHB, 2022.

64. Buenas Ideias, 2021.

65. CNN Brasil, 2021.

66. BBC News Brasil, 2022.

67. TV Cultura, 2022.

independência e os valores tradicionais vinculados à construção dos Estados como nos referimos acima - parece evidente que é no seu marco que ainda se faz uma leitura do passado.

No entanto, não há como negar que os conteúdos produzidos a partir dos canais acadêmicos, ou mesmo que contaram com a participação da comunidade historiadora e educadora, valeram-se enormemente dos avanços historiográficos vinculados aos grandes debates sobre a independência, por nós aqui explorados acima. Mas deve-se dizer que eles também se retroalimentaram da agenda atual de mobilização dos movimentos sociais que buscaram fazer clara oposição ao governo de extrema-direita. Nesse sentido, assistimos a muitas e importantes falas e discussões sobre direitos, grupos subalternizados e excluídos, vozes que foram silenciadas no processo. Pode-se dizer que seus conteúdos foram muito menos acessados na comparativa com outros, mas eles estiveram, e estão, presentes na cena pública como nunca haviam estado até então. Frontalmente distintos a uma leitura nacionalista e heróica, há, porém, que se tomar cuidado para que os anos duríssimos que vivemos no Bicentenário não crie explicações igualmente simplistas. Nesse sentido, a permanente preocupação com os usos e a construção do passado por parte da historiografia, também presentes nos conteúdos dos vídeos de YouTube, podem ser um antídoto eficaz para que possamos superar eventuais polarizações históricas que aprisionem a independência a leituras sectárias, a uma metanarrativa empobrecida de si mesma.

## Considerações finais

Não há dúvida que as reflexões aqui realizadas foram compostas muito próximas ao momento vivido no Bicentenário, e mesmo contaminadas pelo olhar daquelas e daqueles que se envolveram na sua produção. Mas os dados aqui sistematizados, seja em relação à historiografia, seja em relação à cena pública, permitem-nos pensar o que as efemérides das independências produzem em relação à sua história. Se grande parte da renovação historiográfica contribuiu para colocar de forma crítica muitos dos seus conteúdos, o momento da celebração da nação tende sempre a ter uma carga ufanista em qualquer aniversário da nação. O que foi particularmente evidente na manipulação do passado feita pela extrema direita, mas em uma chave patriótica e ao mesmo tempo despolitizada.

Seguindo com Rodrigo Turin, a reflexão de como a independência segue repercutindo nos debates atuais, ressalta como esse passado fundante da nacionalidade ainda nos constitui simultaneamente à construção do mesmo. Ideias produzidas nesse período histórico, como nação e povo brasileiro ainda estruturam a nossa realidade; da mesma forma, uma maneira de conceber o tempo que orienta e legitima até hoje projetos de Estado e sociedade. Para a época, como a historiografia tem sobejamente demonstrado, esse processo de construção do Império do Brasil traduziu-se em características próprias e singulares, englobando toda a sociedade, menos os escravizados, que passavam a se constituir os «brasileiros». No entanto, não havia nem brasileiro, nem Brasil. Os processos eram múltiplos e distintos. Cada província e cada camada da sociedade acabavam por constituir o que era ser brasileiro, de acordo com seus interesses e objetivos. Dicotomias existiam e permanecem até hoje, o que possibili-



ta a polarização de nossa sociedade em tempos de crise, como se viu no último governo. São tempos que se traduzem por sombras e que dificultam encontrarmos novos horizontes de futuro, igualmente para produção de Histórias.

Para disputar as concepções de tempo na cena pública, de passado e de projetos de futuro vigentes, fica evidente que o saber acadêmico precisa ainda ocupar um maior espaço na cena pública, a qual se transformou muito nos últimos anos com a revolução digital. Mas é fato que nenhuma renovação é possível sem pesquisa, e que sem essa é impossível ocupar o espaço público de modo crítico e qualitativo sem que a polarização política contamine demasiadamente nossa leitura do passado. Talvez seja mesmo essa sua vocação, a de «combates» pela História, duplamente difícil nos dias de hoje.

## Referências Bibliográficas

- Albuquerque, Wlamyra Ribeiro (1999). *Algazarra nas ruas: comemorações da Independência na Bahia (1889/1923)*. Editora da Unicamp.
- Alexandre, Valentim. (1993). *Os sentidos do império: questão nacional e questão colonial na crise do Antigo Regime português*. Afrontamento.
- Almeida, Juniele Rabêlo e Rovai, Marta Gouveia de Oliveira (orgs) (2011). *Introdução à História Pública*. Letras e Voz.
- Almeida, Maria Regina Celestino de e Moreira, Vânia Maria Losada (2022). Independencia de Brasil y pueblos indígenas: historias, identidades y memorias. In Luís Castro Castro e Antonio Escobar Ohmstede (orgs.). *Independencias, Repúblicas y Espacios Regionales: América Latina en el siglo XIX* (pp. 33-66). Iberoamericana-Vervuert.
- ANPUH (06 de setembro, 2021). *Independência, Independências* [vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=UUAwcUhz8HQ>
- Araújo, Ubiratan (2001). *A guerra da Bahia*. Ceao/UFBA.
- Araújo, Roni César Andrade de e Galves, Marcelo Cheche (2023). Sob o efeito das guerras de independência: prejuízos à propriedade na província do Maranhão e o trabalho da Comissão Mista Brasil-Portugal. In Marcello Felipe Duarte, Marcello Loureiro e Marcelo Gulão (Orgs.). *A Armada Imperial e a Independência do Brasil: outros olhares, novas perspectivas* (pp. 155-178). Jaguatirica.
- Araujo, Valdei (2022). *A Independência Narrada*. Introdução à História da Historiografia no Brasil. Proprietas.
- Assunção, Mattias Röhrig (2005). Miguel Bruce e os «horrores da anarquia» no Maranhão, 1822-1827. In István Jancsó (org.). *Independência: história e historiografia* (pp. 345-378). Hucitec/Fapesp.
- Ayrola, Valentina e Chaves, Claudia Maria das Graças (2022). Geografías de las independencias en Iberoamérica: guerras, territorios y proyectos políticos durante el siglo XIX. *Almanack*, nº 31, pp. 1-5.
- Banco Central (26 de julho, 2022). *Lançamento das Moedas Comemorativas do Bicentenário da Independência* [vídeo]. YouTube. [https://www.youtube.com/watch?v=kc\\_BozFT\\_bw](https://www.youtube.com/watch?v=kc_BozFT_bw)
- BBC News Brasil (03 de setembro, 2022). *Como foram os 100 anos da Independência do Brasil* [vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=7FDwbkLsCZk>
- Barata, Alexandre M. (2006). *Maçonaria, Sociabilidade Ilustrada e Independência do Brasil (1790-1822)*. Annablume/EDUFJF/Fapesp.
- Berbel, Marcia Regina (2005). A retórica da recolonização. In István Jancsó (org.). *Independência: história e historiografia* (pp. 791-808). Hucitec/Fapesp.
- Berbel, Marcia Regina (1999). *A nação como artefato. Deputados do Brasil nas Cortes portuguesas (1821-1822)*. Hucitec/Fapesp.
- Bernardes, Denis Antônio de Mendonça (2006). *O patriotismo constitucional: Pernambuco, 1820-1822*. Hucitec/Fapesp/Ed.UFPE.
- Brasil Paralelo (07 de setembro, 2022). *7 de setembro - 200 anos da independência & Brasil: a última cruzada* [vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=RDWlhnffAGc>
- Brilhante, Neuma (2020). O bicentenário da independência e os usos políticos do 7 de setembro, segundo esta historiadora (Entrevista): Bruno Leal entrevista Neuma Brilhante. In: Café História. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/o-bicentenario-da-independencia-e-os-usos-politicos-do-7-de-setembro-segundo-esta-historiadora/>. Publicado em: 07 set. 2020.

- Buenas Ideias (01 de maio, 2021). *Quando foi a independência do Brasil?* [vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=di5CrEcot4A>
- Cabral, Flávio José Gomes (2022). O povo nas ruas: culturas, disputas e alianças políticas em Pernambuco (1820-1822). *Almanack*, 30, pp. 1-34.
- Cabral, George F. (org.) (2022). *Pernambuco na Independência do Brasil: olhares do nosso tempo*. CEPE Editora.
- Caféhistória (07 de setembro, 2020). Entrevista: *O bicentenário da independência e os usos políticos do 7 de setembro* [blog]. Internet. <https://www.cafehistoria.com.br/o-bicentenario-da-independencia-e-os-usos-politicos-do-7-de-setembro-segundo-esta-historiadora/>
- Caféhistóriatv [canal]. YouTube. <https://www.youtube.com/@cafehistoriatv>
- Câmara (13 de setembro, 2027). Comissão Curadora [site]. Internet. <https://www2.camara.leg.br/a-camara/documentos-e-pesquisa/arquivo/sites-tematicos/200-anos-da-assembleia-constituente/a-independencia-1/comissao-curadora>
- Canal ONHB (01 de setembro, 2022). *A Violência na História da Independência* [vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=-KGWkiGB2ww>
- Canal USP (02 de agosto, 2022). *Bicentenário da Independência: Cultura e Sociedade* [vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=1jrusPuv40M>
- Carvalho, José Murilo; Bastos, Lucia e Basile, Marcello (2014). *Guerra Literária. Panfletos políticos da Independência (1820-1823)*. Fapemig/Editora UFMG.
- Carvalho, José Murilo de (2008). D. João e as histórias dos Brasis. *Revista Brasileira de História*, 56, pp. 551-572.
- Carvalho, Marcus Joaquim (2005). Os Negros Armados pelos Brancos e Suas Independências no Nordeste (1817-1848). In István Jancsó (org.). *Independência: História e Historiografia* (pp. 881-914). Fapesp/Hucitec.
- Carvalho, Marcus Joaquim (1998). Cavalcantis e cavalgados: a formação das alianças políticas em Pernambuco, 1817-1824. *Revista Brasileira de História*, 36, pp. 331-365.
- Cirino, Raissa Gabrielle (2022). As temporalidades da Independência do Brasil: narrativas dos livros didáticos para a educação histórica. *Revista Outros Tempos*, 35, pp. 26-51.
- CNN Brasil (07 de setembro, 2021). *Pronunciamento do presidente Jair Bolsonaro na íntegra no dia Dia da Independência* [vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=m9sytU6WkKs>
- Coelho, Geraldo M. (1993) *Anarquistas, demagogos e dissidentes: a imprensa liberal no Pará de 1822*. CEJUP.
- Cordeiro, Janaina Martins (2015). *A ditadura em tempos de milagre. Comemorações, orgulho e consentimento*. FGV Editora/Faperj.
- Costa, João Paulo Peixoto e Irffi, Ana Sara Cortez (orgs.) (2023). *Independência em várias faces: protagonismos e projetos plurais na emancipação do Brasil*. Alameda.
- Costa, Wilma Peres (2005). A independência na historiografia brasileira. In István Jancsó (org.). *Independência: história e historiografia* (pp. 53-118). Hucitec/Fapesp.
- Diário do poder (07 de setembro, 2022). *Candidatos a presidência usam redes sociais para celebrar bicentenário da independência* [site]. Internet. <https://diariodopoder.com.br/brasil-e-regioes/candidatos-a-presidencia-usam-redes-sociais-para-celebrar-bicentenario-da-independencia>
- Dysarz, Carmen Virgínia Pereira (2020). *As comemorações do Sesquicentenário da Independência em 1972, e suas possibilidades pedagógicas* [Dissertação Mestrado. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro].

- FIERN (22 de janeiro, 2018). *Flavio Rocha lança movimento Brasil 200 anos para recuperar o país* [site]. Internet. <https://www.fiern.org.br/flavio-rocha-lanca-movimento-brasil-200-anos-para-recuperar-o-pais/>
- Frasquet Miguel, Ivana, Escrig Rosa, Josep y García Monerris, Encarna (2022). *El Trienio Liberal y el espacio atlántico: Diálogos entre dos mundos*. Marcial Pons.
- Frega Novales, Ana (2014). Introducción a los Panfletos de la zona Cisplatina. In José Murilo Carvalho, Lucia Bastos e Marcello Basile (2014). *Guerra Literária. Panfletos políticos da Independência (1820-1823)*, v. 4 (pp. 506-530). Fapemig/Editora UFMG.
- Frega Novales, Ana (2009). *Historia regional e independencia del Uruguay. Proceso histórico y revisión crítica de sus relatos*. Ediciones de la Banda Oriental.
- Fundação Perseu Abramo. (05 de fevereiro, 2022). *Duzentos anos de luta pela independência* [vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=NSsuMXZCS5A>
- Galves, Marcelo Cheche e Meirelles, Juliana Gesuelli (orgs.) (2022). *Independências: circulação de ideias e práticas políticas*. Alameda.
- Galves, Marcelo Cheche (2015). «*Ao público sincero e imparcial*»: *Imprensa e independência na província do Maranhão (1821-1826)*. Café e Lápis/Editora UEMA.
- Gontijo, Rebeca (2023). O Almanack, a História Pública e os públicos da história. *Almanack*, 35, pp. 1-18.
- Gontijo, Rebeca (2023). Sobre cultura histórica e usos do passado: a Independência do Brasil em questão. *Almanack*, 8, pp. 44-53.
- Gov. (29 de julho, 2022). *Bicentenário nas Redes* [site]. Internet. <https://www.gov.br/pt-br/campanhas/bicentenario/bicentenario-nas-redes-sociais#:~:text=%F0%9F%93%B2%20Compartilhe%20nas%20redes%20sociais,-Twitter%20I%20Instagram&text=%F0%9F%87%A7%F0%9F%87%B7%20Estamos%20entrando%20no,longo%20de%20toda%20nossa%20Hist%C3%B3ria>
- Graham, Richard (2001). Construindo uma nação no Brasil do século XIX: visões novas e antigas sobre classe, cultura e Estado. *Diálogos: Revista do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá*, 5, pp.11-47.
- Graham, Richard (2013). *Alimentar a cidade. Das vendedoras de rua à reforma liberal*. Companhia das Letras.
- Grinberg, Keila (2022). Escravizados e libertos. In Bruno Leal e José Inaldo Chaves (orgs.). (2022). *Várias Faces da Independência do Brasil* (pp. 125-136). Editora Contexto.
- Grito dos excluídos (07 de setembro, 2023). *Grito dos excluídos* [site]. Internet. <https://www.gritodos-excluidos.com/07-09-2023>.
- Guimarães, Lucia (2022). Historiografia da Independência no século XIX (verbete). In: Cecilia H. de Salles Oliveira e João Paulo Pimenta (orgs.). *Dicionário da Independência do Brasil. História, memória e historiografia*, vol. 1 (pp. 450-452). EDUSP.
- História Pública [site]. Internet. <https://historiapublica.sites.ufsc.br/o-que-e-historia-publica/>
- Holanda, Sérgio Buarque de (1962). A herança colonial – sua desagregação. In Sérgio Buarque de Holanda (dir.). *História geral da civilização brasileira*. t. II, v.1: o processo de emancipação (p. 9-39). Difel.
- Kraay, Hendrik (2022). Escravos, índios, e as «classes de cor»: A participação popular na Independência. In Lucia Bastos, José Damião Rodrigues e Fabiano Vilaça Santos (orgs.) *Identities, conflitos e protestos no mundo atlântico (século XVII ao início do século XIX)* (pp. 141-171). Contracapa.

- Kraay, Hendrik (2001). *Race, State and Armed Forces in Independence-Era Brazil: Bahia, 1790<sup>2</sup>- 1840<sup>2</sup>*. Stanford University Press.
- Jancsó, István (org.) (2005). *Independência: história e historiografia*. Hucitec/Fapesp.
- Jancsó, István e Pimenta, João Paulo G. (2000). Peças de um mosaico (ou apontamentos para o estudo da emergência da identidade nacional brasileira). In Carlos G. Mota (org.). *Viagem incompleta: a experiência brasileira (1500-2000). Formação: histórias*. Ed. Senac.
- Leal, Bruno e Chaves, José Inaldo (orgs.) (2022). *Várias Faces da Independência do Brasil*. Editora Contexto.
- Leitura Obrigatória [blog]. Internet. <https://www.youtube.com/@obrigahistoria>
- Lisboa, José da Silva (1826). *História dos principais sucessos políticos do Brasil*. Typ, Imperial e Nacional.
- Lustosa, Isabel (2000). *Insultos impressos. A guerra dos jornalistas na independência (1821-1823)*. Companhia das Letras.
- Lyra, Maria de Lourdes Viana (1994). *A utopia do poderoso império. Portugal e Brasil: Bastidores da política: 1798-1822*. Sette Letras.
- Machado, André Roberto de A. (2010). *A quebra da mola real das sociedades: a crise política do Antigo Regime Português na província do Grão-Pará (1821-25)*. Hucitec/Fapesp.
- Machado, André Roberto de A. (2022). Vassalos ou cidadãos: mudanças e permanências para os povos indígenas entre o Antigo Regime e a independência do Brasil. In Júnia Furtado e Andréa Slemian (orgs.). *Uma Cartografia dos Brasis: poderes, disputas e sociabilidades na Independência* (pp. 209-227). Fino Traço.
- Machado, André Roberto de A. (2023). Sobre os mares, sobre os rios as várias «Independências» na província do Grão Pará. In Marcello Felipe Duarte, Marcello Loureiro e, Marcelo Gulão (orgs.). *A Armada Imperial e a Independência do Brasil: outros olhares, novas perspectivas* (pp. 255-280). Jaguatirica.
- Machado, André Roberto de A. e Guerra Filho, Sérgio (orgs.) (2023). *Guerras por toda parte: conflitos armados que impactaram as independências do Brasil*. Alameda.
- Malerba, Jurandir (2006). Esboço crítico da recente historiografia sobre a independência do Brasil (c.1980-2002). In Jurandir Malerba (org.). *A Independência brasileira: novas dimensões* (pp. 19-52). Editora FGV.
- Mauad, Ana Maria; Almeida, Juniele Rabêlo e Santhiago, Ricardo (2016). *História Pública no Brasil – sentidos e itinerários*. Letras e Voz.
- Morel, Marco (2005). *As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na cidade imperial (1820-1840)*. Hucitec.
- Mota, Carlos G. (1972). *1822. Dimensões*. Perspectiva.
- Motta, Marly Silva da (1992). *A nação faz cem anos: a questão nacional no centenário da independência*. Editora FGV / CPDOC.
- Mello, Evaldo Cabral de (2022). *A outra Independência: Pernambuco, 1817-1824*. Todavia.
- Moreira, Vânia Maria Losada; Dantas, Mariana Albuquerque; Costa, João Paulo Peixoto; Melo, Karina Moreira Ribeiro da Silva e Oliveira, Tatiana Gonçalves de (2022). (orgs.). *Povos Indígenas, Independência e Muitas Histórias*. CRV.
- Neves, Lucia Maria Bastos Pereira das (1999). A «guerra de penas»: os impressos políticos e a independência do Brasil. *Tempo*, 8, pp. 41-65.
- Neves, Lucia Maria Bastos Pereira das (2003). *Corcundas e Constitucionais: a cultura política da Independência. (1820-1822)*. Faperj/Revan.

- Neves, Lucia Maria Bastos Pereira das (2005). Os Panfletos políticos e a cultura política da Independência do Brasil. In István Jancsó (org.). *Independência: história e historiografia*. (pp. 637-676). Hucitec/Fapesp.
- Neves, Lucia Maria Bastos Pereira das (2010). Estado e Política In Ricardo Salles e Keila Grinberg. *O Brasil Imperial*, vol. 1 (pp. 95-136). Civilização Brasileira.
- Neves, Lucia Maria Bastos Pereira das (2020). Os esquecidos no processo da Independência: uma história a se fazer (2020). *Almanack*, 25, pp. 1-44.
- Neves, Lucia Maria Bastos Pereira das (2022). Hace Doscientos Años: controversias y cuestiones sobre la(s) Independencia(s) de Brasil. In Ivana Frasquet, Josep Escrig e Encarna García Monerris (eds.). *El Trienio Liberal y el espacio atlántico. Diálogos entre dos mundos* (pp. 261-292). Marcial Pons.
- Neves, Lucia Maria Bastos Pereira das e Galante, Ana Carolina (2023). O Rio de Janeiro na Independência do Brasil. In Renata Willian Santos Vale e Viviana Gouvea. *Guerras de Independência no acervo do Arquivo Nacional* (pp. 164-200). Arquivo Nacional.
- Neves, Lucia Maria Bastos Pereira das (2023). Foram os grandes vultos que fizeram a História das Independências do Brasil? In Wilma Peres Costa e Têlio Cravo (orgs.). *Independência: memória e historiografia* (pp. 15-35). Edições SESC.
- Nicolazzi, Fernando (24-28 de maio, 2021). *Brasil Paralelo: restaurando a pátria, resgatando a história. A Independência entre memórias públicas e usos do passado* (conferencia). Seminário 3x22: Independência, memória e historiografia.
- Novais, Fernando (1979). *Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial (1777-1808)*. Hucitec.
- Novais, Fernando e Mota, Carlos G. (1986). *A independência política do Brasil*. Moderna.
- O Globo (07 de setembro, 2022). *Bolsonaro transforma 7 de setembro em seu maior ato de campanha, ataca a esquerda e pede votos em evento oficial* [site]. Internet. <https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/09/bolsonaro-transforma-7-de-setembro-em-seu-maior-ato-de-campanha-ataca-a-esquerda-e-pede-votos-em-evento-oficial.ghtml>
- Oliveira, Cecília Helena de Salles e Pimenta, João Paulo (orgs.). (2022). *Dicionário da Independência do Brasil: história, memória e historiografia*. Publicações BBM e EDUSP.
- Oliveira, Cecília Helena de Salles (2022a). Entre «reciprocidade de interesses» e «recolonização»: o debate na imprensa do Rio de Janeiro, 1821/1822. *Revista de História das Ideias*, 40, pp. 81-115.
- Oliveira, Cecília Helena de Salles (2022b). *Ideias em Confronto. Embates pelo poder na Independência do Brasil (1808-1825)*. Todavia.
- Oliveira, Cecília Helena de Salles (1984). Na querela dos folhetos: o anonimato e a supressão da questão social. *Revista de História*, 116, pp. 55-65.
- Oliveira, Cecília Helena de Salles (1999). *A astúcia liberal – relações de mercado e projetos políticos no Rio de Janeiro (1820-1824)*, CEDAPH.
- ONHB, [site]. Internet. <https://www.olimpiadadehistoria.com.br/>.
- Parron, Tâmis (2022). Escravidão e as fundações da ordem constitucional moderna: representação, cidadania, soberania c. 1780-c. 1830. *Topoi: Revista de História*, 51, pp. 699-740.
- Pimenta, João Paulo (2002). *Estado e nação no fim dos impérios ibéricos no Prata (1808-1828)*. Hucitec.
- Pimenta, João Paulo (2022). *Independência do Brasil*. Editora Contexto.
- Pimenta, João Paulo (org.) (2022). *E deixou de ser colônia. Uma história da Independência do Brasil*. Almedina.
- Pimenta, João Paulo. (2009). The Independence of Brazil: a review of the recent historiographic production. *e-JPH.*, 7 (1), pp. 1-21.

- Pimenta, João Paulo (2007). A Independência do Brasil. Um balanço historiográfico. In Manuel Chust e José Antonio Serrano (eds.), *Debates sobre las independencias ibero-americanas* (pp. 143-157). AHILA e Iberoamericana-Vervuert.
- Pimenta, João Paulo *et al.* (2014). A Independência e uma cultura de história no Brasil. *Almanack*, 8, pp. 5-36.
- Pimenta, João Paulo e Santirocchi, Ítalo (orgs.) (2022). *A Independência do Brasil em Perspectiva Mundial*. Alameda.
- Reis, João José (2022). Rebeldia, negociação, desencanto: negros na Independência na Bahia. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*, 15, pp. 78-102.
- Reis, João José (1989). O Jogo Duro do Dois de Julho: O «Partido Negro» na Independência da Bahia. In João José Reis e Eduardo Silva. *Negociação e Conflito: A Resistência Negra no Brasil Escravista*, São Paulo (pp. 79-98). Companhia das Letras.
- Revista Forum (12 de maio, 2022). *Obsessão macabra dos militares e de bolsonaro pelo cadáver de D. Pedro* [blog]. Internet. <https://revistaforum.com.br/blogs/socialista-morena/2022/5/12/obsesso-macabra-dos-militares-e-de-bolsonaro-pelo-cadaver-de-d-pedro-116286.html>
- Ribeiro, Gladys Sabina (2002). *A liberdade em construção: identidade nacional e conflitos antilusitanos no primeiro Reinado*. Relume Dumará.
- Ricci, Magda e Queiroz, Michelle Barros (orgs.) (2023). *A Independência vista de dentro: caminhos e jogos de escala entre a Província e o local*. Alameda.
- Rocha, Antonio Penalves (2009). *A recolonização do Brasil pelas Cortes. História de uma invenção historiográfica*. Editora Unesp.
- Rodrigues, José Honório (1975-1976). *Independência: revolução e contra-revolução*. Francisco Alves, 5v.
- Santos, Ynaê Lopes dos (2022). A nação embranquecida e seu passado escravista: outras leituras do Brasil. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*, 15, pp. 64-77.
- Santirocchi, Ítalo Domingos (2022a). «É constitucional, é católico romano, é justo e virtuoso»: A Igreja Católica e o processo de Independência. In João Paulo Pimenta e Ítalo Domingos Santirocchi. *A Independência do Brasil em perspectiva mundial* (pp. 145-170). Alameda.
- Santirocchi, Ítalo Domingos (2022b). Cartas Pastorais Constitucionais no contexto da Independência do Brasil: dioceses setentrionais (1822). *Revista Brasileira de História*, 42, pp. 77-100.
- Santirocchi, Ítalo Domingos (2022c). As independências do Brasil e a Igreja. In Kelly Eleutério Machado Oliveira e Renata Silva Fernandes. *A Independência do Brasil: temas de pesquisa ensino de história* (pp. 201-236). Fino Traço.
- SBPC (06 de setembro, 2021). *Bicentenário da independência: crises e recursos de enfrentamento* [vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=vmigiuGShFA>
- Senado (06 de agosto, 2008). CCJ aprova criação de comissão especial do bicentenário da independência [site]. Internet. <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2008/08/06/ccj-aprova-criacao-de-comissao-especial-do-bicentenario-da-independencia>
- SEO (07 de setembro, 2021). *Os índios e a Independência do Brasil* [vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=1XTe9SDBSI8>
- Siqueira, Lucília (2006). O ponto em que estamos na historiografia sobre o período de rompimento entre Brasil e Portugal. *Almanack*, 3, pp. 81-104.
- Schiavinatto, Iara Lis (org.). (2023) *Independências, memória e fabricação de imagens*. Alameda.
- Schiavinatto, Iara Lis. Entre a memória e o esquecimento: modos de compreender a história. *Almanack*, 8, pp. 37-43.

- Silva, Luiz Geraldo (2022). Afrodescendentes livres e libertos na era da independência: das demandas de equiparação às lutas pela igualdade (1770-1840). In Júnia Furtado e Andréa Slemian (orgs.). *Uma Cartografia dos Brasis: poderes, disputas e sociabilidades na Independência* (pp. 247-274). Fino Traço.
- Silva, Maria Beatriz Nizza da (1988). *Movimento constitucional e separatismo no Brasil: 1821-1823*. Livros Horizonte.
- Silva, Maria Beatriz Nizza da (1978-1979). A repercussão da revolução de 1820 no Brasil: eventos e ideologias. *Revista de História das Idéias*, 2, pp. 1-52.
- Slemian, Andréa (2022). Muitos Brasis e um Reino de Portugal e Algarves. In Roberta Stumpf e Nuno Gonçalo Monteiro (orgs.). *1822. Das Américas Portuguesas ao Brasil*. Casa das Letras.
- Slemian, Andréa (2006). *Vida política em tempo de crise (1808-1824)*. Hucitec.
- Slemian, Andréa e Teles, Danielly de Jesus (orgs) (2022). Mulheres em cena no espaço público da Independência. In Júnia Furtado e Andréa Slemian (orgs.). *Uma Cartografia dos Brasis: poderes, disputas e sociabilidades na Independência* (pp. 227-246). Fino Traço.
- Starling, Heloísa M. e Pellegrino, Antonia (orgs.) (2022). *Independência do Brasil: as mulheres que estavam lá*. Bazar do Tempo.
- Soares, Marcelo Negri e Bezerra, Eudes Vitor (2017). Revolução tecnológica, redes sociais e desafios contemporâneos para efetivação da ciberdemocracia e dos direitos do e cidadão: uma proposta para referendun de questões políticas importantes. *Rev. de Direitos Humanos e Efetividade, Maranhão*, 3 (2), pp. 1-18.
- Sousa, Maria Aparecida (2008). A Bahia na crise política do Antigo Regime. *Revista de História*, 159 (2), pp.135-166.
- Souza, Iara Lis C. (1999). *Pátria Coroada: o Brasil como corpo autônomo, 1780-1831*. Unesp.
- Stumpf, Roberta e Monteiro, Nuno Gonçalo (orgs.) (2022). *1822. Das Américas Portuguesas ao Brasil*. Casa das Letras.
- Tavares, Luís Henrique Dias (2005). *Independência do Brasil na Bahia*. Edufba.
- Turin, Rodrigo (22 de agosto, 2022). Um passado e seus futuros. *História Aberta*, [s. l.]. Disponível em: <https://www.historiaaberta.com/post/um-passado-e-seus-futuros>. Acesso em: 1 nov. 2023.
- Turin, Rodrigo (2020). Os tempos da Independência: entre a história disciplinar e a história como serviço. *Almanack*, 25, pp. 1-39.
- TV Band Jornalismo (14 de setembro, 2021). *200 anos da Independência: Confira curiosidades da história do Brasil* [vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=3Ei40dnwiMQ>
- TV Cultura (07 de setembro, 2022). *Bicentenário da Independência - Reabertura do Museu do Ipiranga* [vídeo]. YouTube. [https://www.youtube.com/watch?v=-k\]reoN7Tuw](https://www.youtube.com/watch?v=-k]reoN7Tuw)
- Vanério, Urânia (atribuído a) (1822). *Lamentos de huma bahiana na triste crise, em que vio sua patria oppressa pelo despotismo constitucional da tropa Auxiliadora de Portugal ...* Typographia Nacional.
- Winter, Murilo Dias (2022). Uma contradição tão marcada de princípios: as disputas pela independência do Brasil na província Cisplatina e a metáfora da escravidão (1821-1824). *Tempo*, 3, pp. 138-159.
- Wisiak, Thomas (2005). Itinerário da Bahia na Independência do Brasil. In István Jancsó (org.). *Independência: história e historiografia* (pp. 447-474). Hucitec/Fapesp.